

Ensino de Áfricas e relações raciais: o curso de formação de professores realizado pelo NEAB-UDESC (Santa Catarina, 2014)

*Karla Leandro Rascke*¹

*Paulino de Jesus Francisco Cardoso*²

*Graziela dos Santos Lima*³

*Ana Júlia Pacheco*⁴

DOI: 10.14393/CPCDHIS-v29n1-2016-4

Resumo: O presente artigo visa discutir e avaliar o curso de formação de professores (as) realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB-UDESC), em 2014, a partir do Programa do Governo Federal UNIAFRO-IV (Brasil) voltado para a discussão sobre relações étnico-raciais, história da África e da diáspora africana. Objetivamos realizar uma análise acerca do curso, seus objetivos e metodologia, bem como discutir os resultados alcançados com as discussões propostas nos fóruns de debate de cada módulo e das atividades finais do curso. Concluímos que a formação possui resultado exitoso, atingindo importante número de professores (as) de todas as áreas do conhecimento nas mais variadas regiões do estado de Santa Catarina, ampliando as possibilidades de abordagem acerca de conteúdos sobre educação das relações étnico-raciais, história da África e da diáspora africana no Brasil, em especial.

Palavras-chave: História. Ensino e formação. Capacitação. Educação das relações étnico-raciais.

Abstract: The proposed article to discuss and evaluate the course of teacher training (as) conducted by the Center for Afro-Brazilian States State University of Santa Catarina (NEAB-UDESC) in 2014 from the Federal Government UNIAFRO -IV Program (Brazil) facing the discussion of ethnic and race relations, history of Africa and the African Diaspora. We aim to perform an analysis about the course, its objectives and methodology as well as discuss the results achieved with the discussions proposed in dabate forums of each module and the final course activities. We conclude that the training has successful outcome, reaching large numbers of teachers from all areas of knowledge in various regions of the state of Santa Catarina, expanding the approach of

¹ Doutoranda em História Social pela PUC-SP. Professora Tutora do CEAD-UDESC. Pesquisadora Associada NEAB-UDESC e CECAFRO-PUC/SP. E-mail: karlaleandro@gmail.com

² Doutor em História Social pela PUC-SP. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: paulino.cardoso@gmail.com

³ Graduada em Biblioteconomia pela UDESC. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo) da UDESC. E-mail: graziela.dsl@gmail.com

⁴ Graduada em História pela UDESC. Mestranda em História pela UFRGS. E-mail: anajulia.hp@gmail.com

possibilities about material on education of ethnic-racial relations, history Africa and the African Diaspora in Brazil in particular.

Keywords: History. Education and training. Training. Education of racial-ethnic relations.

Governo Federal, Movimento Negro e políticas públicas

Decorridos mais de 10 anos da sanção da Lei Federal 10.639/03⁵, pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, muitas ações foram efetuadas, no sentido de implementar esta norma legal, uma das maiores conquistas do Movimento Negro Brasileiro. É preciso enfatizar, esta é uma das poucas leis que nasceram no movimento social, adotadas por parlamentares organicamente vinculados às organizações antirracistas e a um projeto de reconhecimento político das demandas das populações de origem africana em nosso país.

No esforço para torná-la realidade, ativistas, instituições universitárias e organizações da sociedade civil construíram uma estratégia de implementação baseada em três eixos. Em primeiro lugar, focaram na institucionalização da Lei, por meio da criação das *Diretrizes Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (Parecer CNE/CP 003/2004), a criação da Comissão Técnica Nacional para Assuntos Relacionadas a Educação dos Afro-Brasileiros (CADARA/MEC), a organização dos Fóruns Estaduais de Diversidade Étnico-racial na Educação, entre outras iniciativas.

Em segundo, também no diálogo com organizações governamentais, em especial o Ministério da Educação e a Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR), centrou-se na produção de material didático e de suporte aos docentes. O MEC, em parceria com a UNESCO, organizou a *Coleção Educação para Todos* e a tradução dos oito volumes da *História Geral da África*. Já a SEPPIR, em conjunto com a Fundação Roberto Marinho e apoio da Petrobrás, criou o projeto *A Cor da Cultura*, que produziu diversos materiais de

⁵ Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e cultura afro-brasileira e africana. A Lei Federal 11.645, de 10 de março de 2008, inclui a temática indígena como conteúdo obrigatório nos currículos escolares.

suporte aos professores da educação básica, em especial.

No terceiro eixo, e contando com a presença da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) e do Consórcio Nacional de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (CONNEABS), foram desenvolvidos pelo MEC alguns programas e ações: Programa de Ações Afirmativas nas Universidades Públicas para Populações Afro-Brasileiras - UNIAFRO, e pela SEPPIR, em parceria com MEC, no âmbito do Programa de Extensão Universitária – PROEXT, uma linha temática sobre Igualdade Racial. Ambos contribuíram para o oferecimento de milhares de vagas em cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização em educação das relações étnico-raciais, história da África e da diáspora.

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UDESC) desde 2003 tem se inserido nestas estratégias, com a especificidade de centrar sua ação em atividades que possibilitem a gestores municipais e estaduais e professores(as) da rede de ensino, formação adequada para a implementação da Lei Federal 10.639/03, em especial na educação básica. Uma das ações voltadas para a temática foi sistematizada pelo NEAB-UDESC na forma de um curso de formação de professores(as), que, por meio da Edição IV do Programa UNIAFRO, MEC/SECADI, tornou possível a elaboração de material didático acessível a linguagem dos(as) professores(as) da rede e oficinas práticas.

O projeto Diversidade Étnica na Educação, ou simplesmente UNIAFRO IV, foi direcionado à formação de gestores(as) escolares, professores(as) da rede pública e particular de ensino e graduandos(as) dos cursos de licenciaturas e pedagogia, bem como educadores(as) sociais e militantes do Movimento Negro ou entidades voltadas à temática.

A Formação foi realizada em três ações, a saber: formação inicial, extensão e aperfeiçoamento, conformado 3 cursos distintos, de acordo com o público e as demandas de cada perfil de profissionais. Quanto aos termos do presente texto, devido à estrutura e envolvimento amplo de todas as regiões do estado de Santa Catarina, aprofundamo-nos nas análises e resultados a partir da Ação 1, voltada para formação continuada de professores(as) da rede de educação básica, docentes atuantes em escolas de Santa Catarina, das redes municipais, privadas e estadual de ensino, objetivando discutir conceitos e noções básicas sobre relações étnico-raciais e história e cultura africana e afro-brasileira, possibilitando abordagens e

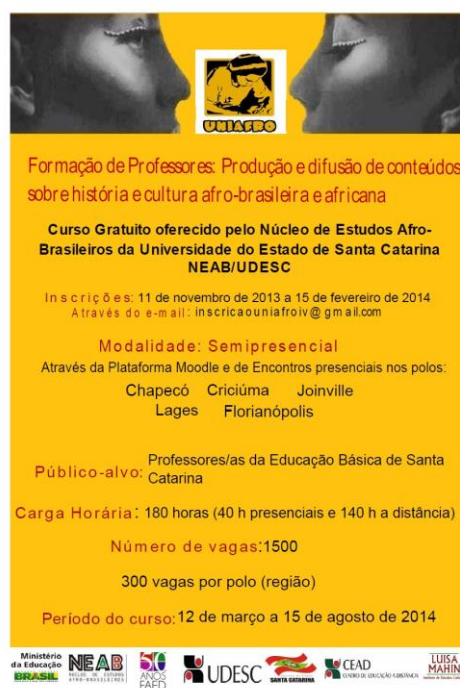
metodologias mais dinâmicas e plurais em sala de aula, atentas às diversidades de nosso país e conhecimentos produzidos para além da Europa e suas ideias de civilização e sociedade.

Como aponta Anderson Oliva (2006), é fundamental que alunos e alunas de graduação (formação inicial) tenham oportunidade de “conhecer a história, a geografia, as literaturas, as artes ou as filosofias africanas”, percebendo que o não acesso a estes conhecimentos e debates dificultam “combatermos as imprecisões e incapacidades de nossos olhares sobre os africanos e sobre nós mesmos”⁶.

Cabe salientar também, para além das conclusões bem pontuadas pelo autor, que necessitamos incluir estes debates e possibilidades de formação a profissionais dos diferentes níveis de ensino e áreas de atuação e lidar com questões relativas à educação das relações étnico-raciais, bem como o estudo de história e cultura afro-brasileira e africana em suas múltiplas dimensões e especificidades.

A proposta do Curso e a implementação da Lei Federal 10.639/03

O projeto UNIAFRO IV sistematizou em suas ações cursos destinados a gestores (as), professores (as), educadores (as) sociais, militantes de movimento negro e alunos licenciandos (as) e pedagogos (as) em formação, construído com base na diretrizes curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais, em especial nas resoluções, CNE-CP 01/2004 e no parecer CNE-CP 03/2004.



Formação de Professores: Produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana

Curso Gratuito oferecido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina NEAB/UDESC

Inscrições: 11 de novembro de 2013 a 15 de fevereiro de 2014
Através do e-mail: inscricaouniafroiv@gmail.com

Modalidade: Semipresencial
Através da Plataforma Moodle e de Encontros presenciais nos polos:
Chapecó Criciúma Joinville
Lages Florianópolis

Público-alvo: Professores/as da Educação Básica de Santa Catarina

Carga Horária: 180 horas (40 h presenciais e 140 h a distância)

Número de vagas: 1500
300 vagas por polo (região)

Período do curso: 12 de março a 15 de agosto de 2014

Ministério da Educação BRASIL NEAB UDESC CEAD LUISA MAHIN

Fig. 1 – Banner/Cartaz de divulgação do curso UNIAFRO IV.

Fonte: Acervo do NEAB-UDESC.

⁶ OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores: panorama, perspectivas e experiências. *Estudos Afro-Asiáticos (UCAM)*, v. 28, p. 187-220, 2006.

A partir destes parâmetros, conforme mencionamos anteriormente, as 3 ações foram realizadas, sendo que detalharemos o curso de maior abrangência e impacto na educação básica, voltado exclusivamente para formação de professores(as) atuantes no estado de Santa Catarina, realizado no formato semipresencial, sendo que a maior parte da formação foi realizada a distância, via Plataforma Moodle, e as formações presenciais realizadas aos sábados (em cada polo), totalizando uma carga horária de 180 horas.

Conforme aponta Anderson Oliva, necessitamos organizar iniciativas em diferentes âmbitos para concretizar propostas educacionais e de pesquisa que voltem suas atenções às Áfricas, suas diásporas e as relações raciais no Brasil. Neste sentido, o autor sugere algumas possibilidades que deveriam ser reforçadas: “o aumento das pesquisas sobre a história da África; o incentivo às novas publicações e traduções; a introdução de disciplinas específicas nas licenciaturas; a oferta de cursos de pós-graduação e a modificação dos livros didáticos”⁷.

Diante das inúmeras demandas que envolvem a formação inicial e continuada de professores(as), bem como a necessidade de pesquisas que atentem para os temas africanos e da diáspora, o NEAB-UDESC volta sua atenção a estas questões, preparando material didático específico e permitindo que professores(as) recebam formação adequada às necessidades e realidades escolares onde atuam, visto que nem sempre a formação inicial (graduação) aborda em suas grades tais assuntos, perspectivas e questionamentos.

O intuito da formação foi capacitar professores (as) de modo que possuam instrumental teórico e metodológico para implementar a Lei Federal 10.639/03 nas escolas onde lecionam ou que gerenciam. Dessa forma, o conteúdo ministrado em 5 (cinco) módulos, contou com a participação de professores (as) formadores (as) especializados(as) em temas de interesse direto do curso e de sua proposta. Cada assunto abordado teve como suporte teórico material didático desenvolvido pelos próprios professores (as) formadores (as), em sua maioria pesquisadores(as) associados(as) do NEAB-UDESC e parceiros(as) de outras instituições.

A cada módulo realizado os cursistas deveriam responder a um fórum relacionado ao assunto-chave daquele módulo, sendo que por meio deste, poderiam problematizar e sanar as suas dúvidas com relação ao contexto

⁷ OLIVA, 2006, p. 187.

abordado. Além disso, o fórum serviu, muitas vezes, para expor experiências vividas em sala de aula e nos diversos âmbitos do convívio escolar, permitindo articulações teóricas e práticas com os aprendizados construídos ao longo do curso.

No decorrer do curso, nos momentos de formações presenciais, contamos também com a realização de minicursos e oficinas, ocasiões que constituíram complemento para o amadurecimento dos assuntos abordados via EaD. As oficinas possibilitaram evidenciar com os (as) professores (as) cursistas como desenvolver metodologias, olhares e abordagens para conteúdos relacionados às Áfricas e diásporas africanas, explicando de forma visual, como podem implementar a Lei 10/639/03, valendo-se de objetos, imagens e questões teóricas relacionadas com a temática africana e afro-Brasileira.

A partir dos conhecimentos obtidos, o trabalho final do curso propôs aos (às) professores(as) cursistas pensar em um plano de aula que pudesse abarcar os conteúdos ministrados, devendo ser pensado e utilizado na escola onde lecionam. Esta produção final ganhou corpo devido aos referenciais bibliográficos, teóricos e metodológicos enfocados durante o curso e que permitiram construções diversas a respeito das temáticas a serem exploradas e desenvolvidas no final do curso.

Em termos mais práticos e administrativos, o curso contou com uma equipe montada para sua gerência, acompanhamento pedagógico, suporte aos tutores e tutoras, equipe de monitoria, conteudistas para o material didático, formadores (as) e oficinairos (as)⁸ para os encontros presenciais e profissionais docentes tutores (as) para atividades em cada sala da Plataforma Moodle. O financiamento da equipe, deslocamento aos polos, organização da publicação, andamento administrativo e demais atividades específicas do curso foram custeadas com recursos do edital UNIAFRO IV.

A nomenclatura de algumas funções da equipe manteve-se a mesma, embora a atribuição de atividades e o papel de cada profissional tenha sido explicitada quando da contratação de cada um (a), não seguindo os modelos e os padrões vigentes no sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), informando ainda que o curso não contou com bolsas deste sistema, sendo totalmente

⁸ Manteremos a nomenclatura oficinairo e oficinaira por se tratar dos termos utilizados durante o curso, especificamente para nomear professores e professoras que realizaram as oficinas durante parte dos encontros de formação presencial.

financiados pelo editais UNIAFRO IV, com contrapartida da Universidade do Estado de Santa Catarina. Dadas as particularidades, os cuidados com a temática, as abordagens, a estrutura e o financiamento recebido, seguimos metodologia e estratégias próprias, adequando o formato e os valores de pagamento de profissional conforme as tabelas vigentes na universidade.

Quanto à formação acadêmica da equipe docente envolvida no curso, todos (as) eram especialistas, mestres (as) ou doutores (as) em campos afins ao tema abordado, em sua maioria profissionais da área de Ciências Humanas, principalmente História e Educação. A escolha destes docentes pautou-se no critério de vínculo com a temática abordada, proximidade geográfica e também relações de parceria de cada um (a) com a trajetória de construção de conhecimento e participação na consolidação de políticas públicas voltadas às populações historicamente excluídas ou marginalizadas, elo entre o NEAB-UDESC e seus contratados e contratadas para esta ação de cunho educacional, político e cultural.

O engajamento de docentes conscientes de seus papéis como agentes colaboradores efetivos na construção de uma educação plural, dinâmica e inclusiva, permitiu ampliação de análises, crítica a olhares eurocêntricos, importantes aspectos a consideramos na transformação das práticas docentes na educação básica e também superior.

A organização do material didático

Produzir material didático com a finalidade específica do curso, em especial pensando nas dificuldades e expectativas de professores e professoras em relação aos conteúdos e perspectivas propostas para nossa formação demandava uma linguagem apropriada e questões mínimas para compreensão dos sentidos múltiplos das Áfricas e das experiências e vivências da diáspora.

Neste sentido, a sistematização de temas e o formato utilizado para desenvolvimento dos conteúdos pautou-se em formas de associar perspectivas teóricas e metodológicas capazes de despertar nos professores e nas professoras

cursistas um entendimento mais amplo sobre o continente africano, sua diversidade e histórias. Do mesmo modo, pensamos em questões que dialogassem cotidianamente com a realidade brasileira em termos de relações raciais na sociedade e no espaço escolar, bem como, perceber a presença e a atuação de origem africana no Brasil, em especial Santa Catarina, estado marcado equivocadamente com o ideário de uma Europa ao Sul do Brasil.

Um dos pilares de embasamento teórico utilizado para a construção do material didático elaborado para o curso, bem como os materiais bibliográficos e audiovisuais disponibilizados para consulta e diálogo nos fóruns, consistiu em formas de apresentar e discutir temas e abordagens combatendo imagens negativas e visões equivocadas sobre vivências africanas e suas relações com os demais continentes. Como bem pontua Oliva, alunos (as) e professores (as), “em seus cursos de formação, não tiveram a oportunidade de conhecer a história, a geografia, as literaturas, as artes ou as filosofias africanas”, dificultando “combatemos as imprecisões e incapacidades de nossos olhares sobre os africanos e sobre nós mesmos”⁹.

O material didático do curso foi elaborado por professores e professoras qualificados (as)¹⁰ na temática, que construíram narrativas reflexivas com base em temas norteadores para cada capítulo, embasados em 4 módulos distintos, a constar: Módulo 1 – Introdução; Módulo 2 – Relações Étnico-Raciais na Sociedade; Módulo 3 – Introdução a História da África; Módulo 4 – História das Populações de Origem Africana no Brasil.

O primeiro módulo enfocou reflexões acerca de “termos, expressões e sentidos relacionados ao dia a dia, às vivências escolares, às experiências em ambientes de trabalho, rodas de conversas, espaços familiares”¹¹, priorizando questões e debates que envolvem o ser humano no seu cotidiano em termos de relações sociais e raciais. Assim, propusemos compreender os sentidos dos termos

⁹ OLIVA, 2006, p. 190.

¹⁰Participaram da confecção do material didático do curso os (as) seguintes professores (as): Professor Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Professora Dra. Cláudia Mortari, Professora Ma. Jeruse Maria Romão, Professor Dr. Amailton Magno Azevedo, Professora Ma. Karla Leandro Rascke, Professor Me. Willian Robson Soares Lucindo, Professora Ma. Maristela dos Santos Simão, Professor Me. Angelo Renato Biléssimo, Professora Tamelusa Ceccato do Amaral e Professor Fábio Amorim Vieira.

¹¹CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCKE, Karla Leandro (Org.). *Formação de professores: produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana*. Florianópolis: DIOESC, 2014, p. 11.

negro, afrodescendente, políticas de ação afirmativa, racismo, Lei Federal 10.639/03 e tantas outras referências conceituais que pautam as relações dos sujeitos constantemente.

Quanto ao módulo 2, as abordagens enfatizaram as relações raciais, “atentando para reflexões em torno dos currículos escolares e dos materiais didáticos que servem de suporte aos processos de escolarização, bem como a compreensão das lutas do Movimento Negro e os avanços provocados pelas conquistas no âmbito das ações afirmativas”¹². Recomendamos analisar os estereótipos e os conteúdos dispostos em materiais didáticos que abordam África, relações raciais, escravidão africana e temas relativos às populações de origem africana na diáspora, observando lutas e embates em torno de uma educação mais plural, bem como destacando as ações do Movimento Negro brasileiro e de intelectuais e militantes antirracistas para a implementação da Lei Federal 10.639/03.

Em relação aos estudos envolvendo História da África, o módulo 3 pretendeu abordar aspectos introdutórios da história do continente e suas múltiplas realidades e perspectivas. Nos dizeres de Oliva, a respeito da fundamental importância dos estudos envolvendo história e cultura africana, a “África possui tantas escolas de pensadores, artistas, escultores, intelectuais e tantas contribuições para o entendimento da construção do patrimônio histórico-cultural da humanidade que é inadmissível simplesmente não estudá-la”¹³.

Em se tratando de uma temática ainda recente nas salas de aula da educação básica, o estudo das Áfricas permite conectar elementos culturais africanos à realidade de experiências vividas no Brasil, bem como conhecer dinâmicas internas do continente e sua interação/inter-relação com os demais continentes. Longe da ideia de um continente isolado, marcado pelas “impossibilidades” do deserto do Saara, sabemos que o continente africano sempre esteve em relação intensa com povos de outros continentes e também, importante destacar, suas próprias populações – diversas -, interagiam, trocavam produtos materiais e culturais¹⁴.

Atentamos para a importância de uma produção sobre Áfricas que amplie

¹² CARDOSO; RASCHE, 2014, p. 42.

¹³ OLIVA, 2006, p. 190.

¹⁴ CARDOSO; RASCHE, 2014, p. 94.

as abordagens sobre o continente, suas histórias e memórias, impedindo a perpetuação de uma narrativa de vitimização do continente e de uma ideia equivocada de “continente da escravidão”. Atuamos no sentido de criticar esta visão simplista e equivocada, em que “o continente é enxergado de modo distorcido e unilateral, impedindo que suas histórias sejam discutidas de forma aprofundada, para além das marcas da escravidão e do colonialismo”¹⁵.

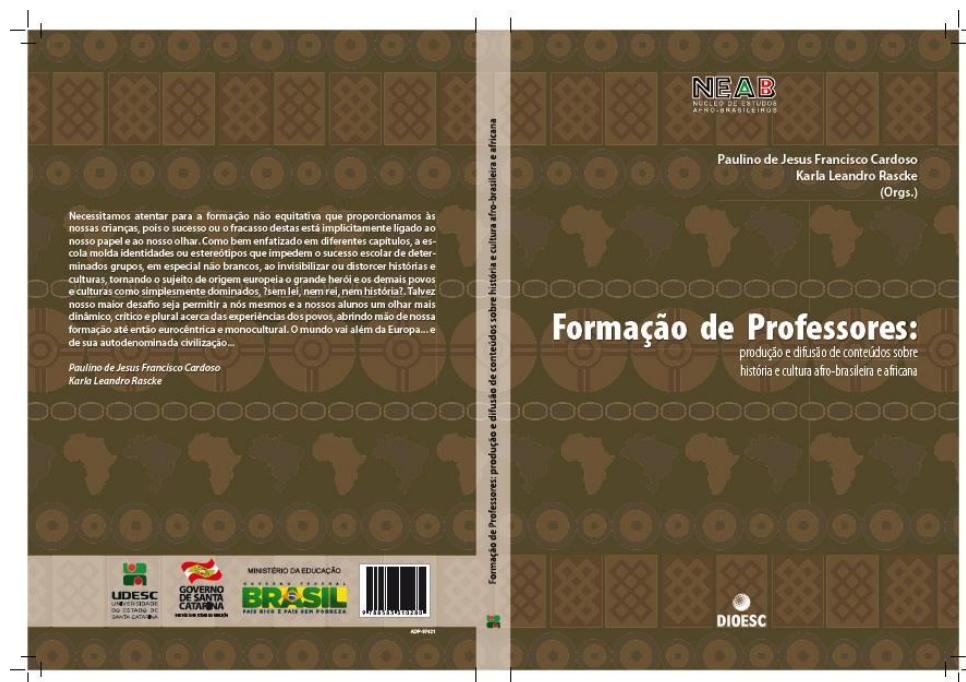
Finalizando os materiais e apontamentos, 5 capítulos sobre diáspora africana no Brasil contemplam as discussões presentes no módulo 4. A proposta deste módulo abrangeu bibliografias sobre Brasil em termos da presença africana, vislumbrando ampliar as possibilidades de olhares sobre histórias de homens e mulheres simples, muitos deles cativos, mas que atuaram cultural, econômica e socialmente na construção da sociedade brasileira. Tratam-se de sujeitos que criaram irmandades, fundaram jornais e clubes recreativos, organizaram escolas e clubes de futebol, mobilizaram autoridades e conhecidos para suas lutas, desfilaram em ruas diversas nos momentos de carnaval, e de festas aos seus santos padroeiros, cultuaram Nossa Senhora em seus Cacumbis, cultivaram seus alimentos, venderam seus serviços e lidaram com uma sociedade dura desde os tempos coloniais¹⁶.

Os materiais produzidos para o curso compuseram uma obra coletiva e resultaram na publicação do livro “Formação de Professores: produção e difusão de conteúdos sobre história afro-brasileira e africana” lançado em 2014 pela editora da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina. Aliado a este material didático que compunha o texto base de cada capítulo do curso, outros materiais de apoio em diversos formatos e mídias foram utilizados para dinamizar as ferramentas de aprendizagem, como bem destacamos a seguir, no item relacionado ao ambiente virtual de aprendizagem.

Figura 2 – Livro do curso. Material didático produzido por professores (as) especialistas na temática.

¹⁵ Idem.

¹⁶ CARDOSO; RASCHE, 2014, p. 166.



Fonte: Acervo do NEAB-UDESC, 2014.

Nosso intuito centrou-se em apresentar textos, imagens e diferentes materiais que representem africanos (as) e afrodescendentes e as suas “realidades desvinculados da escravidão, do sentido exótico, da miséria, das doenças, da fome e dos conflitos é de grande valor elucidativo. [...] transformar o papel comumente delegado à África na trajetória histórica da humanidade”¹⁷.

Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e encontros presenciais

Oferecido para professoras e professores da rede básica de ensino do estado de Santa Catarina, tanto pública como privada, a modalidade do curso UNIAFRO IV foi semipresencial: por meio de encontros presenciais (40h) nas cidades de Chapecó, Criciúma, São José, Joinville e Lages, concomitantemente, e das atividades à distância (140h) através da Plataforma Moodle (em 10 salas virtuais) da UDESC somando uma carga horária total de 180h. Segundo Borges (2005), a modalidade de educação semipresencial significa a reelaboração em novos patamares da modalidade de educação presencial, com novas atividades,

¹⁷ OLIVA, 2006, p. 198.

métodos, processos e assim, novas concepções e paradigmas educacionais¹⁸.

Figura 3 - Mapa de Santa Catarina (alterado pelos autores, referenciando os polos do curso UNIAFRO IV).



Fonte: http://wikitravel.org/pt/Santa_Catarina

Em seu caráter presencial, o curso foi pensado estrategicamente para atender todo estado, conferindo a cada região de Santa Catarina uma cidade-polo, onde, aglutinando cursistas de municípios próximos, ocorreram os encontros presenciais. Como mostra o mapa, a cidade de Chapecó, atendeu o público oeste; Criciúma, os professores e professoras da região sul; São José abrigou a região da grande Florianópolis; Joinville atendeu o norte e também o vale do Itajaí; e Lages, a região serrana catarinense.

As atividades presenciais foram planejadas em duas partes, ocorrendo aos sábados nas cidades-sede. No período matutino (4h), pensando em atividades mais práticas, os (as) cursistas participaram de oficinas temáticas acerca de história e cultura Africana e Afro-Brasileira e relações étnico-raciais ministradas pelos (as) oficinairos (as) do curso. As oficinas ofertadas durante o curso foram: Máscaras Africanas; Contação¹⁹ de histórias; Religiosidade de matriz africana; Capoeira; O livro didático, os africanos e os afrodescendentes; e Arte e Literatura Afro-

¹⁸ BORGES, Martha Kschny. Educação semipresencial: desmistificando a educação a distância. In: *Anais do XII Congresso Internacional de Educação a Distância da ABED*, 2005, p. 3.

¹⁹ Optamos por manter a nomenclatura, pois tem sido comumente utilizada para indicar o ato de contar ou narrar histórias. A oficina denominava-se Contação de histórias.

Brasileira.

Optamos por desenvolver as oficinas como meio de instrumentalizar professores e professoras em relação às abordagens múltiplas que a temática envolve. Assim, ao discutir e elaborar máscaras, a professora Patrícia Maria Macedo Alves, ministrante da atividade, propunha pensar os diferentes países africanos, suas realidades e como as máscaras eram utilizadas em seus contextos. Oportunamente, adentrava mais densamente nos usos e sentidos das máscaras produzidas em Burkina Faso, convidando os cursistas a conhecerem o país, seus povos e culturas, bem como pensar possibilidades de desenvolvimento e produção das máscaras junto aos alunos, enquanto ferramenta didática para adentrar na temática de História da África.

Figura 4 - Exposição da oficina de *Máscaras africanas*, realizada no primeiro encontro presencial em Chapecó, em 15/03/2014.



Fonte: Acervo do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UDESC).

A oficina enunciada como Contação de histórias, ministrada por Milena Rosa Senhorinha, sugeria possibilidades e abordagens para lidar com as literaturas existentes a respeito da temática e os cuidados necessários na escolha dos livros infantis e infanto-juvenis. Também pautava formas de contar as histórias, em especial pensando o universo lúdico demandado para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Como inúmeros cursistas atuavam junto a estas faixas etárias, a oficina permitia conhecer literaturas específicas e trabalha-las em suas dimensões de história e cultura.

Em relação à oficina de capoeira, Mestre Jimmy Wall (professor Valmir Ari Brito) apresentou articulações entre a capoeira e a educação, em especial atentando para os cuidados com o corpo, a saúde e a educação das relações étnico-raciais no espaço escolar.

A professora Jeruse Maria Romão abordou a temática da religiosidade de matriz africana, expondo as dificuldades de diálogo do tema em espaço escolar, visto os preconceitos, estigmas e falta de conhecimento sobre estas práticas. A oficina ponderou a necessidade de conhecer as diferentes práticas, evitando generalizá-las e, também, como forma de perceber suas diferentes vivências religiosas e caminhos para a tolerância.

Pautar a imagem de africanos e seus descendentes nos livros didáticos foi o tema da oficina de Estela Maria Cardoso. Em suas abordagens e apontamentos, possibilitou aos professores e às professoras cursistas percepções e críticas a respeito da produção de livros didáticos, bem como seus usos em sala de aula, indicando a necessidade constante do docente quanto aos conteúdos presentes nestes materiais, impedindo que a escola perpetue racismos, discriminações, xenofobias e outras formas de intolerância.

Tema presente em nossas atividades também foi o de literaturas africanas e afro-brasileiras, dialogando com escritores e escritoras negras do continente africano, como Chimamanda Adichie, Paulina Chiziane e Chinua Achebe; e importantes nomes do que tem sido destacado atualmente como literatura afro-brasileira, como Lima Barreto, Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Neste sentido, cursistas de diferentes áreas puderam apreender noções, conhecer escritores do passado e do presente e pensar estratégias de abordagem com seus alunos quando o tema for discutido em sala de aula.

Figura 5 - Exposição da oficina **O livro didático, os africanos e os afrodescendentes**, realizada no segundo encontro presencial em São José, 05/04/2014.



Fonte: Acervo do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB/UDESC).

No período vespertino (das 14:00 às 18:00), ocorria a segunda parte do encontro presencial, momento de debates relativos aos conteúdos do módulo do curso trabalhado (cada encontro presencial discutia um Módulo do curso), com a presença de um (a) professor (a) formador (a)²⁰ mediando as discussões. Os (as) professores (as) formadores (as) eram responsáveis pela introdução, nos encontros presenciais, dos capítulos do material didático elaborado especialmente para o curso.

É preciso salientar que em cada encontro presencial, dois/duas professores (as) eram direcionados para cada polo, alternando as cidades a cada novo encontro. Cada professor (a) oficinairo (a) e professor (a) formador (a) era acompanhado (a) também pela monitora do polo²¹, encarregada de ajudar a organizar o encontro. Neste caso, a cada encontro, cada cidade recebia professores

²⁰ Foram professores (as) formadores (as): Professor Dr. Amailton Magno Azevedo, Profa. Ma. Jeruse Maria Romão, Professora Ma. Karla Leandro Rascke, Professora Ma. Maristela dos Santos Simão, Professora Tamelusa Ceccato Amaral, Professor Me. Willian Robson Soares Lucindo e Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso.

²¹ Foram monitoras do curso as acadêmicas: Carol Lima de Carvalho, Ana Júlia Pacheco, Franciéle Carneiro Garcez, Fernanda de Souza, Mariah Amanda e Larissa Canuto.

(as) diferentes, tanto oficinairos (as), quanto formadores (as), possibilitando o contato com atividades das várias áreas de conhecimento e a troca de experiências com os diferentes professores e professoras cursistas.

Em seu modo a distância, o curso ocorreu através da Plataforma Moodle (<http://moodle.udesc.br/>), ambiente virtual de aprendizagem, utilizada pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), cuja contínua parceria desde 2006 entre o NEAB/UDESC e o Centro de Educação a Distância (CEAD) vem proporcionando a realização de inúmeros cursos de formação e capacitação promovidos pelo Núcleo.

A EaD tem sido uma possibilidade ampla e de qualidade para a formação continuada de professores/as oferecida pelo NEAB/UDESC, por atingir um público diverso, de diferentes lugares do Estado de Santa Catarina ou do país, permitindo que a temática das relações raciais seja discutida e reelaborada²².

Segundo a Comunidade Moodle Brasil (<http://www.moodlebrasil.org/>), a Plataforma é um dos ambientes virtuais mais utilizados mundialmente, devido a sua simplicidade de uso, grande flexibilidade operacional e de configuração, além da capacidade de apresentação e modelagem em um ambiente construtivista, sendo consagrado em mais de 235 países, em um total de 64.500 sites, no Brasil somam-se mais de 4.318. Sobre sua praticidade, o ambiente Moodle reúne recursos que possibilitam o desenvolvimento de atividades de ensino e aprendizagem através da internet. Foi desenvolvido para ser utilizado por educadores (as), permitindo que o (a) professor (a) formador (a) ou o (a) professor (a) tutor (a) crie e gerencie o ambiente virtual sem necessidade de maiores saberes tecnológicos (SILVA; RIBEIRO; MANDAJI; CONSOLO, s/d, p.4).

Para abrigar todos os cursistas de maneira distribuída, o curso “Formação de Professores”, financiado pelo edital UNIAFRO IV, manteve abertas 10 salas com no máximo 60 cursistas cada uma.

Figura 6 - Sala 1 do curso no ambiente virtual de aprendizagem (moodle).

²² CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RIBEIRO, Neli Góes; RASCHE, Karla Leandro; LIMA, Graziela dos Santos; PACHECO, Ana Júlia; JESUS, Maria Gerlane Santos. Formação para a educação das relações étnico-raciais: experiências em cursos de formação continuada NEAB/UDESC. *Revista em Extensão* (Online), v. 13, p. 9-19, 2014.

2014/1 FAED UNIAFRO IV: ação1 - Sala 1

[Página inicial](#) ▶ [Meus cursos](#) ▶ [EXTENSÃO](#) ▶ [FAED](#) ▶ [2014/1_FAED_UNIAFRO_IV_A1_S1](#)

[Ativar edição](#)





NAVEGAÇÃO

- [Página inicial](#)
- Minha página inicial
 - Páginas do site
- Meu perfil
- Curso atual
 - 2014/1_FAED_UNIAFRO_IV_A1_S1
 - Participantes
 - Badges
 - Geral
 - Módulo 1 - Apresentação do curso e Introdução Conc...
 - Módulo 2 - Relações étnico-raciais na sociedade
 - Módulo 3 - Introdução à História da África
 - Módulo 4 - História das populações de origem afric...
 - Meus cursos

Olá

Sejam bem-vindos/as ao curso "[Formação de professores: produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana](#)".

Nosso objetivo é realizar a formação inicial ou continuada de professores/as da rede de educação básica de Santa Catarina em relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, de acordo com o disposto na resolução CNE-CP 01/2004 e no parecer CNE-CP 03/2004.

-  [Carta de Apresentação do Curso](#)
-  [Tutorial Ambiente de Aprendizagem](#)
-  [Fórum de notícias](#)
-  [Pergunte a sua tutorial](#)

Fórum

-  [Fórum 1 - Apresentação \(Postagem até 17/03\)](#)

[PESQUISAR NOS FÓRUMS](#)

[ÚLTIMAS NOTÍCIAS](#)

[PRÓXIMOS EVENTOS](#)

[ATIVIDADE RECENTE](#)

Fonte: <http://www.moodle.udesc.br/>

Cada sala possuía um (a) professor (a) tutor (a), com papel fundamental na construção do saber em espaço virtual, atuando enquanto mediador do curso junto ao cursista, responsável por articular as discussões teóricas e práticas nos fóruns, esclarecer dúvidas, estimulando a não desistência e, ao mesmo tempo, participando do processo de ensino/ aprendizagem.

Há várias maneiras de definir o conceito. A tutoria pode ser entendida como uma ação orientadora global, chave para articular a instrução e o educativo. O sistema tutorial compreende, desta forma, um conjunto de ações educativas que contribuem para desenvolver e potencializar as capacidades básicas dos alunos, orientando-os a obterem crescimento intelectual e autonomia, e para ajudá-los a tomar decisões em vista de seus desempenhos e suas circunstâncias de participação como aluno²³.

Nesse sentido, o trabalho de tutoria na modalidade de ensino a distância tem inúmeras divisões, sendo que o (a) professor (a) tutor (a) pode atuar em diversas condições, como orientador (a), apresentando e desenvolvendo hábitos e estratégias de estudo, na investigação e pesquisa, auxiliando no encontro de

²³ SOUZA, Carlos Alberto de; SPANHOL, Fernando José; LIMAS, Jeane Cristina de Oliveira; CASSOL, Marlei Pereira. Tutoria na educação a distância. In: *11º Congresso Internacional de Educação a Distância*, 2004, Salvador - BA.

soluções para problemas de aprendizagem e realizando mediações pedagógicas²⁴.

Tradicionalmente, nos cursos de formação a distância ministrados pelo NEAB-UDESC, a participação efetiva do cursista se dá por meio de sua manifestação/interação nos Fóruns e na entrega de uma atividade final. O fórum é uma ferramenta de interação coletiva assíncrona, que propicia o debate de questões relacionadas aos temas abordados nas disciplinas e a troca de experiências entre tutores (as) e alunos (as) e também dos alunos entre si²⁵.

No curso do UNIAFRO IV não foi diferente, tendo sido elaborados o total de cinco fóruns, organizados em quatro módulos, que buscavam articular as discussões estabelecidas a partir do material didático de cada módulo, junto ao material complementar e a mediação do (a) professor (a) tutor (a). É importante ressaltar que, para todos os módulos do curso disponibilizamos, além do material didático próprio, alguns materiais complementares, nesse caso, textos, jogos, vídeos e músicas relacionadas à temática estudada no módulo.

O primeiro fórum, voltado para adaptação do cursista com o ambiente virtual de aprendizagem, propôs a apresentação de cada participante e suas expectativas em relação ao curso. O segundo fórum abriu o primeiro módulo do curso intitulado “Apresentação do curso e Introdução Conceitual”, que abordou a discussão de alguns conceitos imprescindíveis para a introdução aos estudos da temática africana e afro-brasileira, e as propostas das DCN para educação das relações étnico-raciais a partir da trajetória de lutas do movimento negro, de intelectuais e militantes antirracistas. O terceiro fórum do curso, encontrado no módulo dois, “Relações étnico-raciais na sociedade”, abrigou a temática das relações raciais na escola e a história do movimento negro no Brasil na perspectiva da luta pela educação.

No módulo três, “Introdução a História da África”, o fórum procurou articular a história do continente africano, desde percepções sobre a história de seus antigos reinos e sociedades até a descolonização e a África contemporânea. No último fórum, disposto no módulo final do curso, intitulado “História das populações de origem africana no Brasil”, discutiu-se brevemente apontamentos

²⁴ MANARA, Alécia Saldanha; FREITAS, Indianara. O trabalho docente do professor tutor na educação a distância. In: *Anais da 3ª Jornada Acadêmica Mestrado em Educação - Unisc*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2011. v. 1. p. 4.

²⁵ UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina. Tutorial do ambiente de aprendizagem das disciplinas do curso de pedagogia a distância oferecidas pela tutoria virtual, p. 6, s/d.

sobre a presença africana no Brasil desde o século XVI até os dias atuais, centrando também na história das populações de origem africana em Santa Catarina. Este último fórum também incluiu o estudo das manifestações afro-brasileiras, pensando artes, literatura e religiosidade, bem como reflexões do tempo presente em torno das demandas por políticas públicas.

Os fóruns tinham data limite para a primeira postagem, e a cada resposta, o(a) professor (a) tutor (a) indicava sugestões e propunha alguns aprofundamentos/considerações, sendo que o (a) cursista novamente recebia um prazo para dialogar com as questões pontuadas pelo (a) professor (a) tutor (a). Além dos 5 fóruns, o curso também exigiu a elaboração de uma atividade final, pautada na elaboração de um projeto de ensino-aprendizagem, a partir da articulação de algumas das temáticas estudadas durante o curso, formulada de acordo com o contexto escolar de inserção do (a) cursista. O objetivo da atividade final propunha contribuir para a implementação dos princípios e fundamentos contidos nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura africana e afro-brasileira*.

Dos resultados I: trabalhos finais dos cursistas

Os trabalhos finais do curso foram pensados a partir do enfoque e do público participante, ou seja, professores e professoras das redes de ensino básico. Neste sentido, como atividade de fechamento, propusemos a organização de um plano de ensino, composto por tema, disciplina (s) envolvida (s), duração da proposta, série/ano, apresentação do projeto, justificativa de realização, objetivos, conteúdos, metodologia, material didático/recursos, avaliação e referências bibliográficas.

Cada projeto foi elaborado por um (a) professor (a) cursista de acordo com sua área de atuação e formação, tendo o acompanhamento do (a) professor (a) tutor (a) de sua referida sala do moodle. As atividades finais passaram pelo parecer e avaliação do (a) tutor (a) de acordo com a alocação de cada sala e foram reelaboradas a partir de considerações/sugestões do (a) corretor (a), no intuito de ampliar discussões, estreitar objetivos, esmiuçar e detalhar a proposta a ser desenvolvida na escola onde o (a) cursista atua.

Os temas enfocados pelos (as) cursistas demonstraram múltiplas possibilidades de abordagem, de acordo com as diferentes áreas/disciplinas escolares que as grades oferecem às distintas séries. Assim, percebemos que todas as áreas podem desenvolver ações e apontar possibilidades de implementação da Lei Federal 10.639/03 em suas turmas e escolas, pois há uma multiplicidade de abordagens temáticas, conceituais e analíticas para tal.

Dentre os temas abordados nestes trabalhos finais, destacamos alguns de diferentes disciplinas: história e cultura afro-brasileira em espaço de EJA; as lutas de afrodescendentes nos séculos XX e XXI; ritmos, tambores e grilhetas; protagonismo negro através da literatura infantil; danças circulares; África e artes; livros, revistas e histórias têm cor?; projeto melanina; escravidão e resistência negra; conhecendo o corpo humano e os diferentes fenótipos; preconceito e discriminação racial no futebol; literatura africana; afrodescendentes em Santa Catarina, etc. Estes constituem exemplos das temáticas desenvolvidas e envolvem as múltiplas áreas do conhecimento, enfatizando que vários destes projetos propunham ação conjunta entre disciplinas diferentes (atuação multidisciplinar).

Enfocamos no curso, conforme esboçado neste artigo, que a proposta envolve pensar as múltiplas Áfricas e a história afro-brasileira para além da escravidão comumente abordada em livros didáticos e materiais diversos que remetem à presença africana nas Américas. Como bem salienta Anderson Oliva²⁶, a história e a historiografia africana merecem atenção particularizada, bem como as abordagens e perspectivas sobre a participação de origem africana na história e cultura brasileiras necessitam de enfoques que apontem para suas dinâmicas de organização, formas de sociabilidades e laços de solidariedades, redes de relacionamento e articulação, constituição de movimentos negros e lutas antirracistas, ampliando olhares sobre resistências e memórias cotidianas vivenciadas nestes séculos de Áfricas em terras brasileiras.

Compete ressaltar que os cursos de extensão, capacitação, aperfeiçoamento e especialização, ações financiadas pelo Ministério da Educação via Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), constituem propostas das universidades para atendimento às inúmeras demandas de professores e professoras, gestores e gestoras e demais profissionais

²⁶ OLIVA, 2006, p. 195.

envolvidos com os processos educativos e que necessitam de formação adequada nas temáticas de Áfricas, diáspora africana e relações raciais no Brasil.

Dos resultados II: avaliação geral dos impactos do curso

Procuramos, a partir da organização da proposta do curso “Formação de professores: produção e difusão de conteúdos sobre história afro-brasileira e africana”, enfatizar a importância da atuação de professores e professoras enquanto multiplicadores (as) de conhecimentos críticos acerca das Áfricas, da diáspora e das relações raciais no Brasil, potencializando educadores e educadoras e tornarem-se comprometidos (as) com uma visão de mundo que amplie olhares para além da cultura ocidental, europeia, cristã. Cremos na perspectiva de que podemos “vencer determinações de sistema mundo centrado na cosmovisão representativa de uma única raiz étnico-racial”²⁷.

Como bem destaca a professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, atuamos cotidianamente no sentido de educar para as relações étnico-raciais, pautando ações que são do âmbito das práticas cotidianas, cujas transformações têm início com mudanças no modo como as pessoas se dirigem umas às outras, a fim de que “desde logo se rompam com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais”²⁸.

Atuamos junto ao estado de Santa Catarina, atendendo cidades de cinco regiões que formaram polos de apoio e encontros presenciais. Ao todo, 132 professores/as finalizaram o curso com êxito e receberam certificação de 180 horas de atividades, entre oficinas, formações presenciais e atividades na Plataforma Moodle. Estabelecemos como critério, informado quando da inscrição no curso, que propúnhamos certificar os cursistas que tivessem contemplado todas as propostas desenvolvidas nos cursos.

Devido a esta forma de lidar com o andamento do curso, aliados a outros

²⁷ SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Revista Educação*. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

²⁸ SILVA, 2007, p. 490.

questos como sobrecarga de horas-aula dos professores e professoras em suas escolas, muitos cursistas desistiram ao longo do percurso formativo. Mas, para além dos números que poderiam ser maiores, acreditamos que cada cursista compõe uma possibilidade de multiplicação dos debates em sua escola, cidade e área de atuação, ampliando visões e perspectivas a partir das reflexões do curso e dos materiais utilizados.

A proposta do curso visava instrumentalizar professores e professoras das diferentes redes de ensino do estado para o ensino de conteúdos e perspectivas sobre história e cultura africana e afro-brasileira. Em se tratando de Santa Catarina, estado fortemente marcado pela presença da imigração europeia e menor número de população de origem africana, talvez muitos pesquisadores e estudiosos pensem nos porquês da discussão da temática nesta região. Nós, enquanto docentes preocupados e preocupadas com a abordagem de múltiplas histórias e com a diminuição dos impactos negativos do racismo em nossas escolas e sociedade, acreditamos ser direito de todas as crianças e adolescentes conhecer o mundo, seu país e suas comunidades, suas dinâmicas, histórias e culturas. A partir desta dimensão podemos construir um país e uma educação mais emancipadora, capaz de permitir a todos os sujeitos se sentirem integrantes da história, componentes potenciais de mudança e transformação social.

Neste sentido, o trabalho com professores e professoras cursistas, em sua maioria brancos, também envolveu mobilização, sensibilização e questionamentos em torno do tipo de educação e história que queremos, articulando debate teórico, conceitos e metodologias, bem como pensando as vivências atuais de nosso estado, as migrações africanas e latinas que tem ocorrido com grande intensidade e os impactos disso nas relações sociais e raciais que presenciamos cotidianamente.

Algumas dificuldades, dada a amplitude de abrangência do estado, foram presentes e devem ser ressaltadas para experiências futuras e possibilidades de atuação. Desenvolver ações simultâneas de formação de 5 polos distintos constituiu um grande desafio, contando com a parceria de diferentes instituições públicas que receberam nossa equipe e os (as) cursistas em seus espaços físicos. Também tivemos que lidar com inúmeras desistências ao longo da trajetória do curso, visto que muitos (as) professores (as) possuíam carga horária de 40 a 60

horas, inviabilizando, em certos momentos, a organização para os estudos e atividades necessárias via Plataforma Moodle e atividades nos polos.

Entretanto, para além das dificuldades e desafios que ficam para novas etapas e experiências neste âmbito, os resultados positivos permitem vislumbrarmos os avanços na temática e o comprometimento de professores e professoras que, ademais suas múltiplas tarefas cotidianas, permitiram-se aprender e dialogar com novos conhecimentos, perspectivas e abordagens. Assim, a produção do livro didático do curso e sua distribuição aos cursistas constitui ponto forte no trabalho, bem como os interessantes planos de ensino sistematizados para a atividade final do curso, materiais socializados em nosso último encontro presencial em cada polo.

Importa destacar ainda, o potencial amplo das diferentes áreas do conhecimento que participaram do curso, com profissionais de letras, pedagogia/educação, história, geografia, biologia, ensino religioso, literatura, inglês, matemática, educação física, sociologia, artes, português e psicologia. Além disso, oportunamente, cabe ressaltar como ponto positivo a boa articulação entre os debates e formações dos encontros presenciais com as pontuações e atividades propostas na Plataforma Moodle.

Empenhamo-nos em promover a formação de cidadãos e cidadãs conscientes de suas ações e responsabilidades quanto à construção de uma sociedade mais igualitária no exercício de direitos e na criação de oportunidades. Assim, o curso pautou temas e questões de uma agenda política, social e ética preocupada com a transformação social.

Considerações finais

A realização do curso “Formação de professores UNIAFRO IV” pelo NEAB/UEDESC no ano de 2014, permitiu a capacitação de professoras e professores, distribuídos por todo o estado de Santa Catarina, para o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Ao mesmo tempo, marca a trajetória dos cursos de formação continuada do Núcleo para a implementação das Leis Federais 10.639/03 e 11.645/08, tendo em vista a abrangência do curso pensado

para todo estado e o grande número de educadores (as) atendidos (as).

Maria Angélica Zubaran e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2012) consideram que a discussão teórico-metodológica em torno da cultura e da história africana e afro-brasileira constitui um dos vários desafios para a construção de programas e projetos, atividades culturais e políticas para a formação de professores (as), com pedagogias que combatam o racismo e as discriminações na sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) das universidades do país têm ampliado suas atividades de pesquisa, ensino e extensão universitária com o propósito de apoiar e garantir a implantação do determinado na Lei. Concordamos, deste modo, que cabe aos NEABs, num diálogo com os movimentos sociais, atuar efetivamente no movimento de discussão e formação em história e cultura afro-brasileira e africana e relações étnico-raciais, com olhar atento às instituições de ensino, mas também objetivando atender demandas da comunidade envolvente²⁹.

Agimos no sentido de possibilitar que nossos(as) docentes, das diferentes redes de ensino, “identifiquem e superem as armadilhas teóricas e os argumentos que lançam sobre a África um olhar pejorativo”³⁰. Oportunamente, nos dizeres de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, precisamos pensar perspectivas e abordagens a partir de uma Lei que envolve política curricular e que compõe o “âmago do convívio, trocas e confrontos em que têm se educado os brasileiros de diferentes origens étnico-raciais, particularmente descendentes de africanos e de europeus, com nítidas desvantagens para os primeiros”³¹.

Referências bibliográficas

BORGES, Martha Kschny. Educação semipresencial: desmistificando a educação a distância. In: *Anais do XII Congresso Internacional de Educação a Distância da ABED*, 2005. p. 1-12.

COELHO, Wilma Nazaré Baía; SANTANA, Moises; CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *O enfrentamento do racismo e preconceito no Brasil: a*

²⁹ CARDOSO; RIBEIRO; LIMA; RASCKE; PACHECO; JESUS, 2014, p. 12.

³⁰ OLIVA, 2006, p. 212.

³¹ SILVA, 2007, p. 490.

experiência de Neab's. Itajaí: Casa Aberta, 2014.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RIBEIRO, Neli Góes; RASCKE, Karla Leandro; LIMA, Graziela dos Santos; PACHECO, Ana Júlia; JESUS, Maria Gerlane Santos. Formação para a educação das relações étnico-raciais: experiências em cursos de formação continuada NEAB/UEDESC. *Revista em Extensão* (online), v. 13, p. 9-19, 2014.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCKE, Karla Leandro (Org.). *Formação de professores: produção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana*. Florianópolis: DIOESC, 2014.

HECK, Mariana. *Identidades e multiculturalismo: um estudo acerca do ensino de História das Áfricas nas universidades públicas de Santa Catarina (2011-2012)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UEDESC). Florianópolis, 2013.

HERNANDEZ, Leila leite. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MANARA, Alécia Saldanha; FREITAS, Indianara. O trabalho docente do professor tutor na educação a distância. In: *Anais da 3ª Jornada Acadêmica Mestrado em Educação-Unisc*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2011. v. 1. p. 01-18. Disponível em http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_trabalho_docente_do_professor_tutor_na_educacao_aa_distaancia.pdf. Acesso em 4 de abril de 2015.

MORTARI, Claudia (Org). *Introdução dos estudos africanos e da Diáspora*. Florianópolis: DIOESC, 2015.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nos cursos de formação de professores: panorama, perspectivas e experiências. *Estudos Afro-Asiáticos (UCAM)*, v. 28, p. 187-220, 2006. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6224/1/ARTIGO_Hist%C3%B3riaAfricanaCursosForma%C3%A7%C3%A3oProfessores.pdf. Acesso em 23 de março de 2015.

PACHECO, Ana Júlia. *História da África no curso de graduação em História de Instituições Comunitárias de Ensino Superior de Santa Catarina: perspectivas, avanços e desafios*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UEDESC). Florianópolis, 2014.

ROHDEN, Fabíola. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. *Cadernos de Pesquisa*, [S.l.], vol. 39, n. 136, p. 157-174, jan/abr, 2009.

ROVARIS, Carolina Coberllini. O ensino de História da África: apontamentos da experiência em torno do Curso de Formação Continuada de Professores (as). *Anais do XV Encontro Estadual de História “1964-2014: memórias, testemunhos*

e Estado”, 11 a 14 de agosto de 2014, UFSC, Florianópolis.

SECADI, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Revista Educação*. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2745/2092>

Acesso em 23 de março de 2015.

SILVA, Maria da Graça Moreira da; RIBEIRO, Renata Aquino; MANDAJI, Mônica; CONSOLO, Adriane Treitero. *Guia do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle – parte 1*. s/s. Disponível em: http://etechoracio.com.br/moodle/file.php/1/guia_moodle_1.pdf. Acesso em 4 de abril de 2015.

SOUZA, Carlos Alberto de; SPANHOL, Fernando José; LIMAS, Jeane Cristina de Oliveira; CASSOL, Marlei Pereira. Tutoria na educação a distância. In: *11º Congresso Internacional de Educação a Distância*, 2004, Salvador - BA. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/088-TC-C2.htm>. Acesso em 5 de abril de 2015.

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina. *Tutorial do ambiente de aprendizagem das disciplinas do curso de pedagogia a distância oferecidas pela tutoria virtual*. S/d. Disponível em http://www.moodle.udesc.br/pluginfile.php/129211/mod_resource/content/1/Tutorial%20Ambiente%20de%20Aprendizagem.pdf. Acesso em 4 de abril de 2015.

ZUBARAN, Maria Angélica; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Interlocuções sobre Estudos Afro-Brasileiros: pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. *Currículo sem Fronteiras*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 130-140, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/zubaran-silva.pdf>. Acesso em 5 de abril de 2015.

Recebido em 28 de maio de 2016.

Aprovado em 11 de agosto de 2016.